A MÚSICA NO RESGATE DA ADICÇÃO

uma narrativa autobiográfica

Comunicação

GTE 18: Sociologia da Educação Musical

Marceli Christian Rodrigues de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
marceliliteraturas@gmail.com

Andersonn Henrique Simões de Araújo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
andersonnaraujo@uern.br

Resumo: Esta pesquisa se situa no campo da Sociologia da Educação Musical, utilizando as ideias de Bourdieu sobre capital para versar sobre a música no processo de recuperação para dependência química, a partir de uma narrativa autobiográfica que vai da infância repleta de musicalidade até a entrada na universidade, passando pela metamorfose que ocorreu utilizando a música como instrumento de recuperação a dependência química. A questão ou problema que este estudo pretende responder é o seguinte: Como a música voltou a fazer parte da minha vida de forma ressignificante e me livrou da adicção ativa? O principal objetivo deste é relatar como a música se transformou em ferramenta de transformação de necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. O instrumento metodológico é uma investigação através da narrativa autobiográfica no qual são acionadas memórias do autor e ressignificadas criticamente ao longo do artigo. São apresentadas as vivências musicais da infância, as bandas musicais vivenciadas na adolescência, o período de afastamento da música durante as crises de adicção e o processo de recuperação instrumentalizado pelo aprender musical. O resultado aponta que, a música, por si só, não possui nenhum poder transformador, já o seu uso direcionado em consonância com os capitais familiar, social e cultural (Bourdieu, 2015) influenciou diretamente no processo de ressignificação de vida do autor.

Palavras-chave: Música e adicção, Narrativa autobiográfica, Sociologia da Educação Musical.

Introdução

A escolha desse tema surgiu a partir da reflexão sobre a experiência que tive como recuperando da Casa de Apoio Betel (centro de recuperação para dependentes químicos) durante 9 meses no ano de 2006. Narro como a música, já vivenciada por este autor desde a

infância, se metamorfoseou em um meio de intervenção correlacionado ao tratamento de substâncias psicoativas.

Um trabalho autobiográfico exige lidar com a própria vida, transformando memórias em narrativas — tarefa complexa, pois o autor se descobre no ato da escrita. Esse processo é um lócus privilegiado entre a vida íntima do sujeito e da sua inserção na história social e cultural. Ao tornar-se discurso do próprio sujeito enquanto autor e protagonista, instaura-se um campo de renegociação e reinvenção identitária (Carvalho, 2003).

Os sentidos da relação do sujeito com o mundo emerge na narrativa, permitindo compreender seu desejo de ser, suas escolhas, incluindo aprender música e o uso de drogas e o processo de tratamento. Logo, o autor pode entender e revelar aspectos da sua vida, dos mais singulares aos mais universais, comuns a outros em situações semelhantes.

Souza (2006), no artigo “A arte de contar e trocar experiências”, analisa o percurso epistemológico da história de vida, também chamada abordagem biográfica, como herança pluridisciplinar no campo da Sociologia. Deste trabalho, estaco a importância de considerar o contexto de produção, a forma e o conteúdo em relação ao projeto investigativo.

Josso (2007) afirma que a autobiografia expressa a escrita da própria vida, com sujeitos que transitam entre os papéis de ator e autor de suas experiências, sem mediação externa. A pesquisa com histórias de vida requer uma metodologia que considere as particularidades da identidade e suas múltiplas referências: sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosas, familiares e educativas. Essa abordagem permite destacar experiências individuais sem desconsiderar o papel da família e do meio social.

Em relação às substâncias químicas, a classificação se dá de acordo com a sua ação no Sistema Nervoso Central, elas encontram-se divididas em: depressoras, estimulantes e perturbadoras. As drogas podem ser categorizadas mediante a sua legalidade, sendo elas: as lícitas, cuja lei permite seu comércio e consumo, como é o caso do álcool, do tabaco e dos medicamentos; Já as ilícitas têm seu comércio e consumo proibidos por lei, a exemplo da maconha, da cocaína e do crack (SEC, 2015).

Entendo a adicção ou dependência química como um transtorno mental que afeta o usuário nos níveis cognitivo, social e neurológico, causada pelo uso abusivo de qualquer

substância não produzida pelo organismo com propriedades para atuar em seus sistemas (Pedrosa; Garcia; Loureiro, 2022).

A infância e os primeiros sons

Minha infância ocorreu em um ambiente familiar complexo e desafiador. Cresci em uma casa típica da periferia de Mossoró (RN), feita de alvenaria, com dois quartos e uma sala em formato de corredor. As janelas proporcionavam luz natural, ventilação e, ocasionalmente, traziam sons da rua ou do rádio da vizinha.

Morávamos juntos: meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho – meu parceiro de aventuras – e minha tia materna Lourdinha, carinhosamente chamada de "Ibinha" por todos os sobrinhos. Sua presença sempre foi marcada por cuidado e atenção, como uma segunda mãe para mim e meu irmão.

Ela chegou à família no dia do meu nascimento, 11 de dezembro de 1976, e desde então dedicou-se ao cuidado dos sobrinhos. Nunca se casou nem teve filhos, e segue conosco até a data deste escrito (jun/2026).

Durante a semana, meu pai era um homem mais fechado, não muito dado ao diálogo bem como exteriorizações de afetos, mas bastava o álcool entrar em cena que as coisas ficavam tensas. Ele se tornava agressivo e essa atitude era uma sombra que pairava sobre nós. Nunca sabíamos ao certo como seria cada fim de semana. Eu e meu irmão aguardávamos a ida para a casa dos nossos avós maternos que se davam, em grande parte, porque nossa mãe nos poupava do constrangimento de presenciar a situação da chegada de nosso pai naquele estado.

Na casa dos nossos avós maternos morava nossa meia irmã por parte de mãe, que dentre nós três é a mais anosa. Ali chegávamos pela manhã e logo havia uma imersão total no universo da diversão, pois brincávamos muito e, mesmo com toda a simplicidade daquele lugar, a sensação de bem-estar reinava entre nós.

Ao voltarmos para casa, caminhando eu, meu irmão e minha tia, algo sempre me intrigava: o som de muitos sinos que pareciam enormes. No entanto, ao procurar por eles, via apenas um pequeno sino imóvel no alto da torre da paróquia de São José.

Gradativamente, percebi que o som vinha de alto-falantes — as chamadas difusoras ou bocas de ferro — instalados no topo da igreja.

A incerteza em relação ao meu pai gerava um medo constante. Minha mãe e minha tia refugiavam-se no cigarro. O cheiro do tabaco e a imagem delas fumando faziam parte da rotina, tão comuns quanto o som da televisão ou as poucas conversas à mesa.

Minha forma de escape era a chupeta, bubu ou consolo, como se dizia. Com o tempo, ela passou a ter outro significado: era meu refúgio quando tudo ao redor parecia fora de controle. Se a perdesse ou alguém a tirasse de mim, o desespero seguido de choro emergia. Carregava-a como uma extensão de mim e me lembro bem: largá-la foi uma verdadeira batalha.

Na época, eu não compreendia o porquê era tão difícil me desvincular desse hábito. Talvez ali já se manifestasse, de forma sutil, uma vulnerabilidade que eu não sabia nomear: uma predisposição ao vício ou uma herança genética que passava despercebida. Hoje percebo que aquele foi meu primeiro contato com uma dependência psicológica e física, capaz de alterar meu humor e estado mental. A chupeta foi, de certo modo, minha primeira forma de adicção. Desde cedo, parecia haver em mim uma tendência a buscar alívio em algo, assim como meu pai no álcool, e minha mãe e minha tia no cigarro.

Na infância, não fui incentivado a apreciar música, apesar do acervo considerável de fitas K7 e discos de vinil que meu pai possuía, todos inacessíveis a mim. Na sala em formato de corredor havia um aparelho de som 3 em 1 da Sony (HMK 339BS Sylver), que tocava rádio AM/FM, fita e LP. No entanto, servia mais como ornamento ou, talvez, até como sinal de status em meio a tantas privações.

Lembro do desejo de ouvir qualquer tipo de música, de explorar os botões do aparelho, descobrir sons e funções. Mas eu era impedido até de tocá-lo. Minha tia, além de cuidar da casa e de nós, era uma espécie de guardiã daquele equipamento. Talvez por temer acidentes elétricos, por não ter o hábito de ouvir música ou simplesmente por outro motivo desconhecido, nunca nos permitia esse acesso.

Pierre Bourdieu (2015) vê na família um papel relevante no que diz respeito à propagação de um bem cultural. Para ele, cada família delega a seus filhos, na maioria das vezes de forma empírica, um certo capital cultural e um conjunto de costumes e hábitos

fundamentais do comportamento e da cultura, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para determinar, entre fatos, as atitudes fronte ao capital cultural. A herança cultural é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, consequentemente, pelo índice de suas conquistas (Bourdieu, 2015).

Restava-me, então, conformar-me com a imagem em cores e o som do televisor National Panacolor TC211m. Foi por meio desse aparelho que tive meus primeiros contatos musicais, ainda que de forma limitada e indireta. As descobertas vinham principalmente de comerciais de grandes marcas, como o jingle em estilo tarantela da fábrica Fortaleza, as canções O Caderno e Aquarela, de Toquinho, usadas pela Faber Castell, e de programas infantis como Balão Mágico e Sítio do Pica-Pau Amarelo, populares nos anos 1980.

Brinquedo e a musicalidade

Paralelamente a todos os acontecimentos, minha percepção e visão de mundo também começavam a se formar. Com o tempo, o interesse pelo fazer musical surgiu por meio dos movimentos corporais, despertados por um brinquedo musical da Estrela, o Bate-bumbo, que ganhei por volta dos três ou quatro anos (não lembro de quem). Era um calhambeque movido a pilha que, ao movimentar partes da frente — semelhantes a um bumbo — emitia um ritmo parecido com um xote. Tenho a vaga lembrança de dançar ao som da toada do brinquedo, arrancando risos e gargalhadas. Guardo esse brinquedo há mais de quarenta anos, e ele está retratado na imagem a seguir.

Figura 1 – Bate-Bumbo



Fonte: acervo pessoal

Nessa época me foi surgindo a habilidade de perceber e reproduzir sons com a boca advindos de algumas fontes sonoras que eu via e ouvia pela televisão, como por exemplo: onomatopeias nos desenhos animados, sons percussivos de instrumentos usando sílabas formando células rítmicas (beatbox) e, através de assobios entoando algumas poucas e simples melodias nas quais destaco “Parabéns pra Você” e “Noite Feliz”. Inclusive o canto de um pequeno número de pássaros típicos da nossa região (bem-te-vi, vem-vem e tiziu).

Observando meu avô, que era carpinteiro, aprendi a criar e adaptar brinquedos, inclusive instrumentos musicais, com os recursos disponíveis a uma criança de 8 ou 9 anos. Consegui montar o que considerava um violão: usei uma lata de doce como corpo, um pedaço de madeira como braço, linha de soltar pião como cordas (quatro ao todo), fixadas com pregos, e uma tampa de leite em pó dobrada que servia de rastilho e mantinha a tensão das cordas.

Apesar da ausência de incentivo direto à escuta musical e do acesso restrito a objetos simbólicos como o aparelho de som, essas experiências se configuraram como formas de aquisição de capital cultural, no sentido atribuído por Bourdieu (2015). Ainda que desiguais e fragmentadas, essas exposições ajudaram a formar um repertório simbólico e sensível, revelando como o capital cultural pode se constituir mesmo em contextos de privação, por meio de meios alternativos e não intencionais de socialização.

Dos festejos a vivência musical na adolescência

Minha avó Cristina era a organizadora e principal brincante do Clube Carnavalesco Pimpões, um tradicional bloco de carnaval com sede em sua própria casa. A agremiação desfilava anualmente pelas avenidas do centro, ao som de uma orquestra de frevo com sopros e tambores, muitos dos quais construídos por meu avô, usando compensado e peles de caprinos.

Se ouvir música em um aparelho de som era algo inacessível no cotidiano, vivenciá-la por meio da performance no bloco era uma prática recorrente. O carnaval começava no sábado com o baile do Zé Pereira e seguia com cortejos no domingo, segunda e terça-feira, quando se encerrava com a apuração dos votos da comissão julgadora.

Sempre que possível, eu acessava o cômodo da casa de minha avô onde ficavam guardados os instrumentos de percussão e, inspirado pelos ensaios, aproveitava para brincar de tocar. Essa convivência permitiu a mim, a meu irmão e aos meus primos desenvolver a capacidade rítmica típica dessas manifestações culturais. Por volta dos sete ou oito anos, eu já tocava fluentemente tarol, surdo, tamborim, ganzá e agogô. Mas, por ser ainda muito novo, não podia integrar o bloco como ritmista. Apenas aos dez anos realizei o desejo de desfilar nos Pimpões tocando tarol. Hoje entendo que aquela casa foi, além de refúgio nos fins de semana, um verdadeiro berço das artes.

Meus pais raramente comparecia às minhas apresentações, exceto em algumas ocasiões escolares. Sentia tristeza ao ver os pais dos colegas presentes e incentivando, enquanto os meus se ausentavam. Apesar disso, um grupo de amigos vizinhos costumava me acompanhar nesses momentos. Foi com esses amigos que criamos, em 1985, a primeira banda que participei, incentivados pelo crescimento do Axé Music no Nordeste. Daí surgiu outro sonho: tocar na rádio. Fato que foi consumado por volta dos anos 1999 e 2000, quanto toquei em um programa esportivo na rádio FM 105 da cidade de Mossoró.

Aos doze anos (em 1988), eu e meu irmão conseguimos convencer nossos pais a nos deixar entrar na banda marcial do Colégio Dom Bosco. Embora eu quisesse tocar tarol ou outro instrumento de percussão, o diretor informou que só havia vaga para corneta. Sem instrução técnica ou orientação pedagógica, o maestro apenas nos entregava o instrumento e dizia: "toque". Aprendi observando os colegas. Hoje reconheço que aquele espaço também foi um ambiente de educação musical não formal, indo além do fazer musical (Araújo, 2020).

Após a minha entrada, chegou o instrutor Mário Júnior, um jovem pernambucano com grande vivência musical. Não sei ao certo seu grau de formação, mas lembro bem: ele sabia fazer música e sabia ensinar.

Por volta de 1997, fui convidado a integrar a Fanfarra Independente de Mossoró, formada por colegas e ex-integrantes das bandas escolares. O convite foi para tocar trombone de pisto, em razão do meu bom desempenho com o cornetão de um pistão, e aceitei prontamente.

Passei a fazer parte do grupo composto por instrumentos de sopro (trompete, trombone, saxofone), metalofones e percussão, fortemente influenciado pelo Olodum. Atuei

nessa Fanfarra até 2003. Hoje, o grupo se tornou uma tradição e ainda participa dos cortejos cívicos em Mossoró.

Em março de 1998, fui aprovado e ingressei no Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire (atual Escola de Música da UERN). Coincidentemente, esse foi o mês seguinte ao nascimento da minha única filha. Com isso, poucos meses depois, precisei interromper os estudos. Comecei a trabalhar como mototaxista para assumir as responsabilidades da paternidade, o que tornou inviável conciliar com as aulas.

Ainda assim, mantive o desejo de voltar, e em 2001 retomei os estudos musicais. Na época, eu integrava a banda Swing do Samba e os primeiros conhecimentos adquiridos no Conservatório passaram a agregar valor à minha prática musical, ajudando-me a compreender melhor as peças que já tocava e a vislumbrar novos avanços.

Paralelo a todos os acontecimentos, as drogas estavam sempre presentes na minha vida. Aos finais de semana sempre tinha o uso do álcool estando tocando ou não. Já a maconha era um elemento no meu cotidiano. Chegava a usar várias vezes ao dia e no intervalo das nossas apresentações que aconteciam geralmente entre a sexta-feira e o domingo, eu tinha que sair para fumar um baseado (cigarro de maconha) se não a irritação e o estresse estavam garantidos. A minha vida inteira foi musical como relatado anteriormente, no entanto, a música não me proibiu de entrar neste mundo de dependência.

Eu não entendia a minha situação como uma dependência e até acreditava que não fazia mal algum, pois, eu era um homem bom, trabalhador e, sob esse pretexto não conseguia perceber que essa relação com às drogas já vinha ocupando espaço em meu viver há bastante tempo.

Em 2005, ano que a UERN ofereceu o curso de Licenciatura em Música pela primeira vez, eu pensei em fazer o vestibular. As etapas eram: um teste de habilidades musicais e, depois, vestibular. O teste foi proposto para uma segunda-feira e no domingo eu cheguei a consumir muito álcool e outras drogas, inclusive o crack, que era a mais recente no portfólio da minha dependência. Isso me trouxe uma ressaca terrível e ainda me fez perder a avaliação.

Casa de recuperação e encontro com a música

Com a continuidade dessas práticas ilícitas, veio a desistência do Conservatório e do coral. Do ano de 2005 a 2006, foi o pior período da minha adicção ativa. À essa altura eu estava fazendo uso abusivo de crack, entrei num profundo estágio de dependência química e em total decadência, a ponto de começar a vender os meus pertences, inclusive meu violão e o contrabaixo elétrico para comprar ou pagar dívidas relacionadas à droga.

Nesse período, conheci uma irmandade cujos membros são anônimos e cujo programa de recuperação se baseia nos doze passos. Foi então que descobri ser um adicto, portador de uma doença progressiva que poderia levar à prisão, internação ou morte. Eu estava tão desesperado com toda aquela situação. Mesmo frequentando a irmandade regularmente tive várias recaídas.

Em novembro de 2006, após alguns dias vagando nas ruas, fui convidado a participar da instituição Desafio Jovem de Mossoró que estava localizada na Comunidade do Puxa boi, zona rural de Mossoró (saída para Fortaleza-CE). Posteriormente, por motivos administrativos, a entidade passou a ter o nome de Casa de Apoio Betel.

Chegamos na casa por volta das vinte e duas horas. Fui recebido pelo então administrador, o pastor Robério Capistrano sem questionamento algum. Todos os internos acordaram e entre eles tinham vários rostos conhecidos, colegas da ativa do uso de drogas. Foi-me oferecido um banho, me deram uma muda de roupas, uma refeição e me mostraram um quarto e uma cama onde pude repousar.

Na manhã do dia seguinte, fomos despertados para nos prepararmos para o devocional que acontecia entre as seis e sete. Depois tomamos um café e a mim foi explicado como funcionava toda a programação da casa, que se dava pelo cumprimento de algumas normas e o tempo proposto para a conclusão do tratamento, era de nove meses (exatamente o período de uma gestação). Falou-se também da abstinência de substâncias como: nicotina, álcool, dentre outras que pudessem provocar algum tipo de dependência. Outra coisa explanada foi o que chamavam de terapias, que consistiam em atividades laborais com a perspectiva de tirar o foco do pensamento de usar drogas.

No dia nove de dezembro de 2006, dois dias antes do meu natalício (30 anos) e a seis dias de completar um mês de chegada à casa, recebemos a visita de um grupo de pastores evangélicos do ministério Betel de Fortaleza que traziam consigo um violão. Quando vi aquele instrumento, o meu coração palpitou e os meus olhos foram inundados por lágrimas. A emoção tomou conta de mim e a sensação que tive foi a de ter encontrado novamente alguém que há muito tempo eu não via. A presença daquele violão foi um reencontro com a minha vida. O violão, que antes não passava de mais um instrumento musical a se tocar, agora sem ninguém pegar nele, eu sentia que estava me tocando e me chamando. A mudança aconteceu naquele instante. Me aproximei do grupo visitante, os cumprimentei rapidamente e, em seguida, pedi para tocar o violão. Ele por não me conhecer, ficou meio desconfiado, mas me entregou o instrumento e observou. Peguei o violão, me sentei e comecei a tocar o Allegretto do livro Iniciação ao Violão de Henrique Pinto.

Figura 2 – Partitura de Allegretto



Fonte: acervo pessoal

Daí por diante a minha laborterapia começou a ser exclusivamente ouvir os CDs, pegar as músicas e ensaiar para a ministração dos louvores nos cultos e devocionais da casa até a conclusão do tratamento proposto pela instituição. Hoje entendo que aquela vivência trouxe um novo significado da música para a minha vida. Foram acionados mecanismos

construídos ao longo de minha história com a música, aqui relatada, um capital cultural (Bourdieu, 2015) que foi transformado a partir da vivência na casa de apoio.

De volta ao convívio familiar e social, passei a me congregar na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do bairro Paredões e comecei a fazer parte dos grupos musicais da igreja. Entre 2010 e 2022, fiz parte da Banda Cristo Vive que é a banda oficial da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Mossoró.

Continuei voltando à Casa de Apoio Betel até o seu fechamento em 2024, tocando, cantando e compartilhando minha história com as pessoas que lá estão. Como resultado desses retornos constantes à instituição, me foi dada a honra de entregar o certificado de conclusão do programa, ao primeiro interno que depois de mim concluiu o tratamento no tempo proposto pela instituição, inspirado pela minha história de vida.

Passados mais de vinte anos da conclusão do meu ensino médio e aproximadamente treze de recuperação das drogas, minha esposa e minha filha estiveram sempre me incentivando a fazer o ENEM e eu relutei um pouco. A minha inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi feita para a edição do ano de 2020 de forma on-line durante a pandemia da Covid-19.

No início da tarde de dez de agosto de 2021, estava eu estudando sobre harmonia funcional aplicada ao violão (em curso on-line) quando recebi uma mensagem via Whatsapp do então chefe do Departamento de Artes da UERN perguntando se eu tinha visto a seleção do meu nome para a quarta chamada do curso de música e dizendo que se caso eu tivesse interesse em efetivar a matrícula, era só seguir o edital de convocação. Na hora fiquei sem entender a situação, mas respondi: não vi, mas tenho muito interesse. Agradeci e afirmei que iria efetivar a matrícula.

Considerações

Durante este texto, busquei compreender como a música fez parte da minha história de vida identificando as problemáticas através da minha narrativa autobiográfica em torno da dependência química. Descrevi de que maneira a música voltou a fazer parte da minha vida de forma ressignificante.

Foi possível evidenciar que a música expressa tanto sensações quanto o emocional, atuou como instrumento de resgate, como um meio para reorganizar pensamentos, aliviar tensões ou conectar-se a algo maior, sua presença mostrou-se fundamental no processo de ressignificação de experiências e fortalecimento da resiliência.

A música já existia em minha vida enquanto processo familiar, em momentos de lazer e econômicos. Ela passou a se tornar uma ferramenta de resgate após o ingresso na Casa de Apoio Betel. Isso proporcionou uma ressignificação no sentido de ampliar o espaço que ela ocupava em minha vida a ponto de me fazer sentir a necessidade de ingressar em um curso superior. Por si só, as vivências musicais ao longo da história deste autor não possuíram nenhum poder sobrenatural capaz de manter longe do contexto de drogadição. Ou seja, ter aprendido música, seja no contexto familiar ou em escolas especializadas em música, não teve o poder inerente de ser salvadora. Contudo, o contexto de recuperação na Casa Betel, juntamente com os processos terapêuticos, e a ressignificação da música, aliada a questão religiosa, proporcionaram uma transformação.

Com isso foi possível voltar a participar da vida ativa da família, de ajudar no sustento familiar, de ocupar espaços de responsabilidade social, de trabalhar e possuir saúde, ou seja, resgatar o humano que a drogadição me retirou.

É preciso desmistificar o inerente poder da música de transformação, por outro é preciso considerar que, quando aliada com elementos intencionais e contextos sociais como a casa de recuperação, é possível instrumentalizá-la como ferramenta de atuação. Nesse contexto, os capitais adquiridos na infância (Bourdieu, 2015) foram imprescindíveis na recuperação, mas por si só não impediram o caminho pela adicção.

Os capitais social, familiar e cultural foram mobilizadores e ao mesmo tempo mobilizados no processo de recuperação. Como exemplo de capital social que são presentes nesta reflexão são os antigos amigos de uso de substâncias que foram reencontrados no primeiro momento de internação, aqueles que foram criados durante o período na Betel, além daqueles que aparecem ao longo da vida e que não estão no contexto de adicção.

A família que incentivou sempre a me afastar do contexto de vulnerabilidade, continua sendo importante, mas é tornada central depois do período da casa e da metamorfose. Isso se revela na centralidade de apoio e incentivo que é ouvido no processo de entrar na

Universidade. Esse capital e suporte familiar foi importante para que eu voltasse aos estudos e a fazer Enem.

Já o capital cultural, a experiência com a música, se transformou totalmente. Hoje a música é um dos elementos centrais em minha vida. Ela, que esteve presente na minha infância e foi apagada no momento de adicção, é ao mesmo tempo instrumento de conexão espiritual, de trabalho como professor e instrumentista, de expressão de sentimentos, e principalmente, ferramenta para me manter firme em processo de recuperação que acredito que seja ao longo da vida.

Por último, gostaria destacar que com este trabalho pretendo colaborar através desta pesquisa com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, expondo qual a contribuição e a importância deste recurso para o processo de recuperação e assim restabelecer as funções dos indivíduos para que possam alcançar um melhor desempenho e /ou integração interpessoal e consequentemente, uma melhor qualidade de vida.

Referências

ARAÚJO, Andersonn Henrique. Múltiplos contextos de aprendizagem musical: espaços formais, não formais e informais a partir do paradigma científico emergente. In: Giann Mendes Ribeiro; Alexandre Náder. (Org.). *Ensino e Pesquisa em Música*: reflexões, inovações e práticas em múltiplos contextos. 1ed. Mossoró: Eduern, 2020, v., p. 26-43.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos da educação*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, Identidade e narrativa: Elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, jul. 2003.

JOSSO, Marie Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.

PEDROSA, Frederico; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; GARCIA, Frederico Duarte. Musicoterapia na dependência química: Uma revisão integrativa. *Revista Música Hodie*, v. 22, 2022.

SEC, Secretaria da Educação do Estado da Bahia. *Projeto Prevenção do Uso Abusivo de Drogas em Ambientes Educativos*. Governo da Bahia. [s.l.]: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, [s.d.]. Disponível em: https://www.ba.gov.br/educacao/projeto-de-prevencao-ao-uso-abusivo-de-drogas. Acesso em: 28 jul. 2025.

SOUZA, Elizeu. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teóricas- metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan/abr 2006.